

UAGGADU

A palavra *odisseia* remete imediatamente à cultura grega, à saga do rei-herói Odisseu – também conhecido como Ulisses. Suas proezas foram cantadas e decantadas nos versos atribuídos a Homero e marcaram o imaginário ocidental de forma indelével. Com os autores deste livro não foi diferente. Tanto que nos surpreendemos com a grandiosidade da saga do povo soninquê, registrada por Leo Frobenius nas quatro histórias que aqui recontamos em cordel.

São histórias de homens em suas buscas, enfrentando seus medos e tendo as forças testadas. São histórias de inimigos que precisam ser vencidos – estes por vezes habitam nosso ser e com ele se confundem. São relatos nos quais as forças cósmicas, simbólicas e atemporais travam batalhas em odisseias repletas de magia e filosofia que propiciam um maior conhecimento sobre nós, humanos, e as odisseias de cada um.

As quatro histórias se completam sem perder sua individualidade e força como texto independente. Revelações surpreendentes e provocadoras podem ser encontradas na riqueza das tramas. É um livro que se completa com o leitor, que tem o fim que cada um espera dele. É uma canção que se completa com ação, como a do herói Gassire. É uma magia perdida

e reencontrada como Uagadu, a cidade dos soninquês.

O povo soninquê é de origem mandê. Segundo as poucas e imprecisas fontes sobre a história da África negra, teria vivido na região que compreendia terras dos atuais países de Nigéria e Gana. Fundou pequenas cidades, que, desde o século IV, sofreram um processo de unificação, provavelmente uma estratégia nas guerras com povos nômades, que acabaram por se mesclar à população nativa. No século VIII, a região já era conhecida como Império de Gana. Antes do advento das invasões de povos oriundos do Magrebe, os soninquês chamavam sua região de Uagadu. A denominação Gana foi dada pelos berberes: era o título do rei (*ghana*) e significava "rei guerreiro".

Especula-se que essas histórias preservadas pela tradição oral antecedem o evento da islamização do então reino de Gana, ocorrida concomitantemente às invasões berberes. É um pouco da história plural e mágica desse continente irmão e mãe do "continente" Brasil, de outras tantas culturas e histórias, muitas das quais atravessaram o mar nas mentes e nos corações daqueles que não beberam da água do rio do esquecimento. É dessas histórias ancestrais que nos alimentamos, delas tiramos os ensinamentos para sonhar e ser melhores como humanos. É à sombra dessa grande árvore-mãe que

se tecem as identidades, que se pintam rostos mais alegres e coloridos, ciosos e orgulhosos do que fomos – confiantes no que seremos!

HISTÓRIAS DA ÁFRICA EM CORDEL

O cordel sempre recontou histórias da tradição oral, lendas de diferentes matrizes, mas, em relação à África e suas tradições mais remotas, são poucos os trabalhos realizados, e os que chegaram a ser publicados são muito recentes. Entretanto, um olhar mais atento revela parentesco entre as histórias da tradição africana e as da europeia, esta também refletida na tradição oral brasileira.

A história da serpente Bida e o clássico cordel *Juvenal e o Dragão*, de Leandro Gomes de Barros, são um exemplo disso. O poeta pioneiro não se inspirou na lenda africana, que, certamente, desconhecia, mas ambas as histórias têm o mesmo arcabouço mitopoético: a mais arquetípica das histórias de heróis, cujas origens são impossíveis de rastrear, embora figure na mitologia grega (Perseu, Hércules e Belerofonte), na mitologia germânica (Siegfried) e no ciclo de lendas arturianas, de matriz celta (Tristão e Lancelote).

Já a história do herói Samba Gana, que dedica sua vida a serviço de uma bela e orgulhosa princesa,

Analja Tu-Bari, lembra os grandes romances de cavalaria que tantos motivos forneceram à literatura de cordel do Brasil. Na história, Samba Gana sempre se faz acompanhar de um bardo, Tararafe, espécie de divulgador de suas façanhas. Tararafe, no enredo, cumpre um papel semelhante ao dos menestréis da Idade Média, divulgadores das façanhas de Carlos Magno, do rei Artur e de tantos outros heróis, reais ou lendários, como Robin Hood e Guilherme Tell.

As notas a seguir ajudam a reconstruir a unidade das narrativas, buscando, por baixo do véu da lenda, os ritos que nutriram os mitos e serviram de alimento espiritual para os povos que habitaram a região africana espremida entre o Saara e a floresta tropical: o "país dos rebanhos" ou simplesmente Uagadu.

A CANÇÃO DE GASSIRE

A belíssima história de Gassire, príncipe guerreiro que jamais herdará o trono do pai, pelo qual tanto ansiava, sobreviveu graças à lenda do *ngoni*, espécie de alaúde, cujas cordas só vibraram, produzindo a mais bela canção, quando aquele que o conduzia já havia perdido todos os filhos e, com eles, a esperança de continuidade de sua dinastia^[1]. O escritor Manthia Diawara^[2] afirma que a história data do fim do século VI. Gassire, vitorioso em

combate, mas derrotado pelo destino, depois de perder sete filhos, escuta, à sombra de um baobá, um papagaio celebrar, numa canção, os grandes heróis do passado. Nesse dia, seu alaúde vibrou pela primeira vez, na mesma ocasião em que Gassire descobrira que na força da poesia, preservada e retransmitida pelas vozes da tradição, encontraria a imortalidade.

A história de Gassire se passa na lendária cidade de Uagadu, então conhecida como Dierra, no tempo da dinastia fasa, da qual Nganamba, pai do herói, era o régio governante. O povo fasa, segundo a tradição, veio do mar e, para se fixar na região fértil de Faraca, empreendeu, conforme Douglas C. Fox, violentos combates com "os borojogos e os burdamas (os fulas e os tuaregues de hoje)"^[3]. A cidade ainda teria outros três nomes – Agada, Gana e Sila –, e a cada derrocada e posterior renascimento – ou redescoberta – seu "rosto" se voltava para uma direção; norte, oeste, leste e sul, que rememoram, ainda, as causas de sua ruína: a vaidade, a falsidade, a ganância e a discórdia. "O alaúde de Gassire" é a parte mais preservada de um antigo poema épico intitulado *Dausi*, do qual, lamentavelmente, restam apenas fragmentos.

O TABELA MÁGICO

A história dos irmãos que disputam o trono (ou o direito à primogenitura) presente nessa lenda, registrada por Frobenius como "A redescoberta de Uagadu", leva-nos a compará-la com a história bíblica de Esaú e Jacó. Fox, organizador das narrativas recolhidas por Frobenius, enxerga pontos em comum, reconhecendo a influência da lenda hebraica, mas afirma que "a versão africana da história, mais amena, dá à situação uma propriedade e uma dignidade que não existem na falcatrua pura e simples sobre a qual lemos no Gênesis"^[4].

O grande desafio do herói Lagarre é encontrar o tabele (espécie de tambor) mágico, roubado pelos djinns^[5], que o amarraram em algum ponto do céu. E a resposta só podia vir de seu pai, o rei Mama Dinga, já velho e cego, que, logrado por um escravo, fornece ao herói as informações de que precisa para a recuperação do tabele e a redescoberta de Uagadu. A demanda pelo tabele envolve a participação de animais, aproximando a narrativa dos contos maravilhosos, a exemplo de "A princesa de Bambuluá", recolhido por Câmara Cascudo^[6], no qual o tabele é substituído pela noiva do herói. Nesse conto, João, o herói, em sua busca desenfreada, vai ter com o príncipe, o rei e o imperador dos pássaros, este último um urubu tão velho que vivia enrolado numa cabaça. Da mesma forma, o gavião Colico,

auxiliar mágico do herói, que, de tão velho, perdera todas as penas. Outro motivo relevante é o fato de Lagarre, depois de banhar-se na água de nove potes e rolar no pó das margens de um rio, passar a compreender a linguagem dos pássaros e dos djinns. O rio, veremos mais adiante na história de Samba Gana, simboliza o deus-serpente, e o fato de o herói nele banhar-se se relaciona a um antigo rito em que este é engolido e, depois de regurgitado, ganha a onisciência. Vladimir Propp explica o motivo com base na hipótese segundo a qual "o saber profético, ligado ao entendimento da linguagem dos animais e particularmente dos pássaros, tem como origem os ritos durante os quais o jovem era engolido e vomitado, ou engolia ele mesmo um pedaço ou parte do animal, o que lhe conferia capacidades mágicas"^[7].

A GRANDE SERPENTE BIDA

Outra narrativa heroica baseada num fato histórico^[8]. No apogeu de Gana, o povo soninquê rendia culto à grande serpente (ou dragão)^[9] Bida, responsável pela chuva de ouro e pela abundância de todo o reino. Bida parece ter sido o deus tutelar do povo soninquê antes da conquista berbere que introduziu o islamismo no país, destruindo o culto original. A promessa feita por Lagarre ao chegar a

Uagadu, de entregar uma donzela por ano ao deus-serpente, enquadra-se em ritos propiciatórios praticados por povos de todos os quadrantes. O sacrifício equivalia a um matrimônio, sendo a vítima oferecida vestida de noiva. Manthia Diawara afirma que Sira (outra grafia para Sia), entregue à sua sorte, trajava "um vestido de noiva branco que a envolvia dos pés à cabeça"^[10]. Sia era a noiva de Mamadi Sefe Decote, e a mulher mais bela de toda Uagadu.

Ao contrário do que se possa pensar, a escolha para o sacrifício era considerada honrosa, pois traria prosperidade a todo o reino. Ao violar a lei sagrada, Mamadi desperta a fúria de todo o povo de Gana, mas também da amada, o que nos leva a entender melhor a forma com que é tratado por ela depois da fuga. O nome Mamadi (grafa-se também Mamadu) pode ser corruptela de Mohamed (Maomé ou Mamede, em português) e mostra, por trás da lenda, a luta entre o culto nativo, simbolizado por Sia, e a religião imposta pelo invasor berbere proveniente do Magrebe, já islamizado. Algumas versões da história contam que Mamadi cortou com seu sabre quatro cabeças de Bida (outras versões citam sete cabeças), arremessando cada uma em uma direção (norte, sul, leste e oeste). A cabeça decepada, antes de atingir o destino, dirigia uma imprecação contra o lugar, predizendo o fim da abundância do reino descrita pelos cronistas árabes, despertando a cobiça exterior

e sendo uma das causas, além das turbulências, da derrocada de Uagadu.

SAMBA GANA

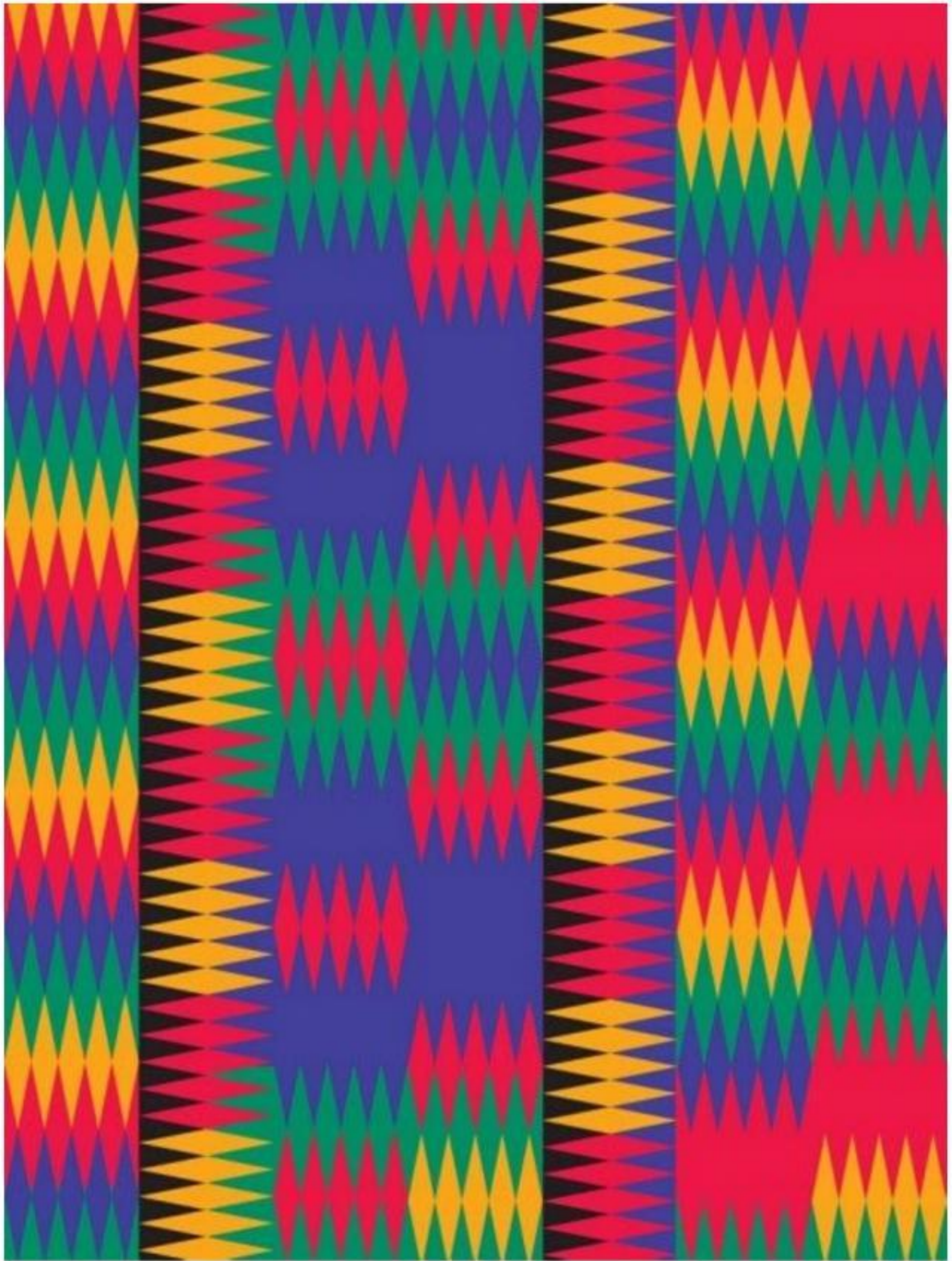
Samba Gana, herói cujos feitos lembram algumas histórias do ciclo do rei Artur, por causa da devoção do herói à sua amada, é um épico de rara beleza. A lenda fala de valores que muitos jamais enxergariam numa história africana, imaginando-os exclusivos de poemas e romances medievais sobre a cavalaria europeia.

A perda de um duelo e, conseqüentemente, da aldeia que governava, traz a morte ao orgulhoso pai de Analja Tu-Bari. Samba Gana, príncipe de Faraca, será o grande vingador da princesa, derrotando oitenta príncipes, que deverão prestar vassalagem à sua amada. Figura importante na narrativa é o bardo Tararafe, espécie de ponte entre as personagens, despertando curiosidades e antecipando o destino trágico dos protagonistas. A orgulhosa Analja não se satisfaz apenas com as vitórias militares do herói. Exige que ele mate a grande serpente de Issa Beer, que habitava as nascentes do mítico rio Níger. Depois de longa batalha, vitorioso, recebe de Analja a ordem de levar o cadáver do animal lendário a seu reino, o que provoca funestas conseqüências.

Interessante também, na história de Samba Gana, é sua rica simbologia: a serpente parece representar o próprio rio Níger, que alternava anos de seca com outros de opulência. Serpentes ou dragões como divindades de rios eram relativamente comuns entre povos da Europa, Ásia e, em menor escala, África. Segundo o folclorista russo Vladimir Propp, "na África agrícola e pastoril, a relação do dragão com a fertilidade é particularmente clara"^[11], o que explica o culto à natureza e a primeira representação do dragão, benéfico e doador da vida. Mais adiante, questiona o mesmo estudioso: "De que maneira surge o combate com ele? Exteriormente, vemos aparecer o motivo do *abuso* que o dragão faz de seu poder. Enquanto ser aquático, ou ele retém a água e provoca a seca ou, ao contrário, vomita tanta água que provoca um dilúvio"^[12]. Não é afinal essa a queixa que Analja faz a Samba Gana acerca da serpente de Issa Beer?

A tarefa de matar a serpente, que consumiu oito anos de vida de Samba Gana, pode ser interpretada como o tempo necessário à realização de obras que reduzissem o impacto das inundações e dos períodos de estiagem. Outro detalhe interessante é a presença do número 8 e de seus múltiplos. Samba Gana vence oitenta príncipes e conquista oitenta cidades para Analja; a luta com a serpente dura oito anos e consome oitocentas lanças. O túmulo do herói exigiu

o labor de oito vezes oitocentas pessoas e ficou pronto depois de exatos oito anos, quando, enfim, era possível ver de seu topo Uagana, terra da orgulhosa e arrependida Analja. Para várias culturas, o 8 é o número da eternidade ou do infinito, representado muitas vezes pelo uróboro, serpente que morde a própria cauda. É também o número da imortalidade, o que explica como a história de Samba Gana, pelas vozes dos poetas e dos narradores orais, sobreviveu ao tempo e às instabilidades que marcaram a região em que deixou suas pegadas lendárias.



A CANÇÃO DE GASSIRE

Arlene Holanda

Para o povo soninquê
Uagadu é magia,
O equilíbrio das forças,
A real supremacia,
Um paraíso terrestre,
Onde a vida principia.

Todo homem dessa terra
A guarda no coração;
Toda mulher em seu ventre
Embalando uma canção,
Sonora, pura, sagrada,
De perene duração.

Dos quatro cantos da Terra
Vem a força da cidade,
Não importa se é de pedra
Ou barro a localidade,
Se é de madeira ou existe
Apenas como saudade.

Uagadu, no início,
Era chamada Dierra,
Depois teve mais três nomes

Essa dadivosa terra,
Agada, Gana e Sila,
Que grande magia encerra.

Mas a ambição humana,
Que pra tudo é ameaça,
Muitas vezes, neste mundo,
Reinou causando arruaça,
Transformando a abastança
Em escassez e desgraça.

Agora vamos narrar
De Gassire a epopeia
E saber como esse herói,
Ao perseguir certa ideia,
Acabou por embarcar
Numa nefasta odisseia.

A ambição desse homem,
Deveras desenfreada,
Acabou por destruir
Essa cidade sagrada:
Uagadu pereceu,
O tudo acabou em nada.

Nganamba Fasa, o pai
Do herói supracitado,
Já contava mais de cem,
Andava torto, alquebrado,

Mas a morte, caprichosa,
Nunca o tinha visitado.

Na casa real dos fasas
Havia grandes guerreiros.
Defendiam Uagadu
De ferozes forasteiros:
Os aguerridos burdamas,
Inimigos costumeiros.

A força desses heróis
Nascia dessa disputa
E era sempre alimentada
Por essa constante luta,
Deixando a população
Orgulhosa, resoluta.

Mas para tudo há um preço
E aquele embate constante
Já estava provocando
Um fato preocupante:
O contingente de mortos
Era de soma alarmante.

Os poucos sobreviventes
Estavam envelhecendo.
O próprio rei Nganamba
Já estava ensandecendo
E de seu passado heroico

Acabara se esquecendo.

Nganamba definhava
E o reino se combaliu.
Então, o povo boroma
Prisioneiro caiu:
Sob o jugo dos burdamas,
Essa gente sucumbiu.

Parecia imortal
Esse velho soberano.
O primogênito Gassire
Esperava ano a ano
Pra tornar-se o grande rei
E adiava sempre o plano.

Gassire, o seu herdeiro,
Estava quase ancião,
Mas tinha vitalidade,
Lutava como um leão.
Tornar-se rei de Dierra
Era sua obsessão.

Dia a dia era tomado
Por aquele sentimento
De ali ser mandatário.
Sonhava a todo o momento,
E aquela obsessão
Para ele era um tormento.

Enquanto estava lutando
Com seu escudo e espada,
Gassire se entretinha
E não pensava em mais nada,
Atingindo os inimigos,
Com fúria desmesurada.

Mas, quando a luta cessava,
Ele então ficava mudo.
Só conseguia pensar,
Franzindo o cenho, sisudo,
No dia em que herdaria
Do rei a capa e o escudo.

Como seu pai não morria,
Não havia solução
De concretizar seus planos...
Então, aquela ambição
Como um chacal corroía-lhe,
Dia a dia, o coração.

Em certa noite, Gassire,
Rolando insone na cama,
Resolve então consultar
Um adivinho de fama
Para saber quando iria
Acabar aquele drama.

Kiecorro era na aldeia

Um respeitado vidente,
Tratava sobre questões
Do futuro e do presente.
De boca em boca se ouvia:
– O feiticeiro não mente!

Encarando o adivinho,
Gassire lhe perguntou:
– Venho aqui para saber,
Porque transtornado estou,
Quando meu pai morrerá? –
E o homem lhe respondeu:

– Nosso rei, caro Gassire,
Um tempo inda viverá,
Porém acalme seu facho,
Pois você não herdará
Nem espada nem escudo.
O trono seu não será!

Ao ouvir tal veredito,
Gassire se indignou.
Então, o sábio adivinho
Sua fala completou:
– Herdarás um alaúde –
Ele assim vaticinou.

– Vejo que esse instrumento
Transformará sua sina:

Trazendo pra Uagadu
Muita derrota e ruína,
Como uma erva venenosa
Que a tudo mais contamina.

Gassire se enfureceu,
Confrontando Kiecorro:
– Triunfo todos os dias
E de batalha não corro.
Se Uagadu sumir,
Eu juro que também morro.

– Você pode duvidar
Do que eu lhe disse agora,
Mas procure os passarinhos
Do campo, que, sem demora,
Entenderá seu destino –
Disse o sábio indo embora.

O herói voltou irado
Para a cabana real,
Pensando naquela fala
Estranha e tão surreal:
– Vamos ver quem está certo –
Desafiou, afinal.

No outro dia, ele saiu
Bem cedo para lutar
E a todos os companheiros